O GRUPO OPERATIVO COM FAMILIARES NO AMBIENTE HOSPITALAR. Bona RC , Sbruzzi C , Hemesath TP , Anton MC . Internação Pediátrica e Oncologia Infantil . HCPA.

A hospitalização de um membro da família, normalmente, gera estresse e desorganização no grupo familiar, pois desequilibra o mesmo enquanto sistema. Romano (1999), aponta que se este equilíbrio não for restaurado, haverá uma crise, na qual ocorrerá um aumento de respostas inadequadas na busca da solução do problema ou na diminuição da ansiedade. A partir de recursos internos próprios, a família se utiliza de estratégias a fim de restaurar o equilíbrio anterior, cuja eficácia pode ser observada pelas respostas comportamentais e afetivas de cada indivíduo. No entanto, às vezes percebe-se o uso de condutas desadaptativas na tentativa de restabelecer esta homeostase, tais como dormir pouco, aumentar o uso de cigarro e bebidas alcoólicas, rezar, usar de defesas maníacas, sentimentos de culpa e menos valia. A equipe médica também deve ficar atenta para a possibilidade de outro membro da família desenvolver uma doença, bem como para uma facilitação do sofrimento psíquico. Para isto, apontamos a necessidade da promoção de um espaço de acolhimento para estas famílias. Dessa forma, o presente trabalho visa apresentar a relevância de um espaço de escuta para familiares de pacientes em tratamento hospitalar, com perspectiva de refletir, orientar e informar sobre as implicações e conseqüências da situação por que passam. Especificamente, a prática grupal pretende favorecer aos participantes do grupo a exposição de questionamentos e dúvidas, bem como a transmissão de informações sobre a doença e os métodos terapêuticos. Também visa oportunizar um momento de troca, de experiências entre os componentes do grupo, favorecendo um ambiente continente dos sentimentos e conteúdos emergentes e latentes. É importante salientar que as questões a serem abordadas pelo grupo são determinadas conforme a demanda dos participantes, de acordo com o modelo de grupo operativo proposto por Pichon-Rivière. O método utilizado neste estudo foi a pesquisa bibliográfica, na qual buscou-se questões que fundamentassem o objetivo proposto.Pichon-Rivière (1998) descreve que as finalidades e os propósitos do grupo operativo estão centrados na mobilização de estruturas estereotipadas, nas dificuldades de aprendizagem e comunicação, devido a ansiedades despertadas por toda mudança. O coordenador deste grupo é da área da psicologia, pois favorece o vínculo entre o grupo e o campo de sua tarefa a partir de conhecimentos prévios. No atendimento grupal a familiares é oportuno analisar o significado do doente para a família, pois este pode desempenhar um papel de porta voz da enfermidade familiar. Percebe-se que em sistemas familiares, por vezes, a permanência da doença em tal sujeito se converte num benefício para a própria família, seja ele econômico ou social. Além disso, o grupo operativo possibilita a averiguação dos papéis que cada membro assume na família, oportunizando uma reflexão sobre esta dinâmica, auxiliando também na abordagem da representação interna que os familiares têm do paciente permitindo uma análise dos vínculos existentes entre si.A participação de outros profissionais também traz benefícios para o grupo, pois favorece a abordagem de diversos temas relevantes para o próprio grupo, atendendo as dúvidas de diversas áreas de interesse. Ocorre também, uma oportunidade para que a equipe obtenha um feedback das práticas e rotinas hospitalares que são realizadas com os pacientes.Portanto, reforça-se a importância de um local de escuta, de sigilo e de reflexão para estes familiares. Para tal, o grupo operativo oferece esse espaço, onde se respeita o ritmo, a demanda e as necessidades dos participantes, pois estes carecem de apoio emocional e de informação, necessitando compartilhar sentimentos e experiências pessoais.